

# Lembrança de Antoninho Alcântara

CONHECI Antônio de Alcântara Machado (êle dizia e escrevia Antônio, pronúncia paulista) coisa de um ano antes de sua morte. Eu havia chegado a São Paulo, onde não conhecia uma só pessoa, em fins de 1933. Um incidente sem importância com o gerente do jornal em que eu trabalhava em Belo Horizonte me inspirou essa viagem de simples aventura; mas alguns meses depois de estar em São Paulo meu nome começou a ser conhecido por causa das crônicas que eu assinava no «Diário de S. Paulo». É preciso lembrar que os paulistas, àquela altura, ainda estavam com cicatrizes muito recentes da Revolução Constitucionalista. Havia em muitos meios uma certa prevenção contra todo mundo que não fôsse paulista. Foi isso, aliás, o que fez com que muitos nortistas e nordestinos que viviam em São Paulo aderissem ao integralismo, então nascente; era o único partido que desfraldava a bandeira nacional. Vestir a camisa verde era reação sentimental dos «cabeças-chatas»...

Capixaba não é cabeça-chata, e eu não tinha nada contra São Paulo, nem ligava importância às expansões ocasionais de regionalismo paulista. Achava natural. Eu não simpatizava com a Ditadura, e fôra correspondente de guerra na frente legalista (Túnel da Mantiqueira) para os «Associados» de Minas, que estavam ao lado de São Paulo: acabei prêso na frente como «espião», para ser solto duas ou três semanas depois, em Belo Horizonte. Além disso, eu era filho de um paulista — e haveria de ser pai de outro...

Mas os ardores regionalistas tinham seus exageros ridiculos, a que não se furtavam mesmo alguns dos melhores espíritos de São Paulo. Fiz uma crônica de

brincadeira contando a história de uma antepassado meu, um Braga bandeirante, caçador de índios e esmeraldas, paulista de 400 anos... Essa crônica me valeu algumas prevenções (inclusive, provavelmente, a de Mário de Andrade, que duraria até sua morte) e fui informado, na ocasião, de que o bravo sr. Ellis Júnior chegara a exigir, no Palácio dos Campos Elísios, minha expulsão de São Paulo! Oswald de Andrade procurou-me para me conhecer e elogiar aquela desprezível e inofensiva sátira ao «quatrocentismo», o que era natural, pois êle fôra contra o Movimento de 32, e por êle perseguido. Mas quem também apareceu na redação para me abraçar, e muito bem humorado, foi o chefe da propaganda do Movimento, filho do homem que criara a bela tirada do «Paulista sou há quatrocentos anos» — Antoninho de Alcântara Machado.

Ficamos amigos, embora sem qualquer intimidade, em parte devido a minha timidez, em parte à diferença de idade, que era de uns 12 anos. Quando êle aceitou o lugar de diretor do «Diário da Noite», no Rio, e me fez um apêlo para ir com êle, eu topei, embora com um grave prejuízo financeiro, de que êle nem teve notícia.

Fui para o Rio. Ajudei-o a dar uma sacudida no «Diário da Noite», então excessivamente grave para um vespertino carioca. Um dia soube que êle adoecera, mas pensei que fôsse coisa à toa. A última vez que o vi êle estava alegre contando histórias ótimas, rindo muito. Sua morte foi para mim uma surpresa excessivamente estúpida: não me animei sequer a ir a seu entêrro.

M 559

CM 13.5.55

viz /

Vim /

DN 23.2.68

"O Fluminense"  
Agosto 1974

RIV 70